Inpe discute o foguete que vai levar satélite nacional

DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS

A Comissão Brasileira de Atividades Espaciais (Cobae), esteve reunida ontem, a portas fechadas, no Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) para discutir qual foguete deverá pôr em órbita o primeiro satélite brasileiro. Há três propostas para substituir o Veículo Lançador de Satélite (VLS), que o Centro Técnico Aeronáutico (CTA) não conseguiu completar a tempo. Uma delas é russa; outra, chinesa; e a terceira, franco-americana. Elas estão sendo estudadas desde junho do ano passado, mas a palavra final caberá ao presidente Fernando Collor de Mello, pois a decisão é mais política do que técnica.

Enquanto os soviéticos oferecem a transferência de tecnologia, especialmente em combustíveis, os Estados Unidos decretaram um embargo contra os países do Terceiro Mundo. A medida foi tomada quando se confirmou a participação de brasileiros em projetos do Iraque. Para os norte-americanos, o VLS nacional é um míssel balístico em potencial.

O lançamento do satélite ficará em cerca de US$ 10 milhões (Cr$ 2,5 bilhões no mercado paralelo), o suficiente para comprar dez dos mísseis Patriots usados na Guerra do Golfo. O oferecimento da empresa chinesa Great Wall (Grande Muralha) de usar o foguete Longa Marcha está quase descartado. A discussão está entre a Glavkosmos soviética e OAS, franco-americana. A reunião da Cobae, durante toda a tarde de ontem, foi presidida pelo ministro do Estado-Maior das Forças Armadas, general Jonas Correa de Moraes Neto. Participaram o diretor do Inpe, Márcio Nogueira Barbosa; o vice-diretor do Departamento de Pesquisa do Ministério da Aeronáutica, brigadeiro José Marconi de Almeida; e o embaixador Henrique Vale.

O Sindicato dos Cientistas do Vale do Paraíba entregou uma carta ao ministro do Emfa pedindo equiparação salarial ao pessoal da Conselho Científico e Tecnológico (CNPq). Segundo o diretor do sindicato, Acioli Antonio de Olivo, cerca de 80 funcionários, a metade deles são altamente especializados, estão pedindo a aposentadoria por causa dos baixos salários. "Mas não é só dinheiro não", diz Olivo, "o pessoal está saindo de desgosto". Ele conta que em 1985 o pagamento foi achatado, como hoje, mas não houve um grande êxodo. "Há uma insatisfação muito grande porque não há diretrizes definidas para dar continuidade aos projetos", avalia, "as incertezas são muitas".